



A CONTRIBUIÇÃO DOS SIGNOS E SÍMBOLOS NA CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS POR MEIO DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS

Alexandre Ribeiro da Silva ¹
Eliane Rodrigues Martins ²

RESUMO

O presente trabalho faz parte dos resultados preliminares de uma Tese em andamento intitulada, a contribuição dos signos e símbolos na construção de conceitos por meio das instalações geográficas no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O estudo foi desenvolvido a partir de um estudo bibliográfico, tendo como método o movimento dialético à luz dos conceitos de signos e símbolos na perspectiva dos estudos da Semiótica, Linguística, Antropologia, Filosofia e Psicologia e investindo as discussões teóricas na construção de conceitos da Geografia e instalações geográficas. A instalação geográfica promove a construção de conceitos, possibilitando que os sujeitos sejam capazes de se situar em um mundo em permanente mudança, interpretando-o de forma ativa e participativa, como, também, quando se propõe desenvolver novas metodologias para o trabalho docente.

Palavras-chave: Signos e símbolos, Ensino de Geografia, Instalações geográficas.

ABSTRACT:

This work is part of the preliminary results of an ongoing thesis entitled, the contribution of signs and symbols in the construction of concepts through geographic installations in the Graduate Program in Geography at the Federal University of Paraíba (UFPB). The study was developed from a bibliographical study, having as method the dialectical movement in the light of the concepts of signs and symbols in the perspective of the studies of Semiotics, Linguistics, Anthropology, Philosophy and Psychology and investing theoretical discussions in the construction of concepts in Geography and geographic facilities. The geographic installation promotes the construction of concepts, enabling subjects to be able to situate themselves in a world in constant change, interpreting it in an active and participatory way, as well as when it is proposed to develop new methodologies for teaching work.

keywords: Signs and Symbols, Geography teaching, Geographic facilities.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, alexandre.geografiaribeiro@gmail.com;

² Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, elianemartins94@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa compreender o papel dos signos e símbolos na construção de conceitos por meio das instalações geográficas. O termo instalação geográfica, oriundo da definição de instalações artísticas, possui etapas de desenvolvimento didático já definido, podendo ser utilizado na materialização da aprendizagem de um dado conteúdo da geografia por meio de signos e símbolos.

O termo “instalações geográficas” surgiu em 2009, no IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), Rio Claro, com o trabalho intitulado “Práticas pedagógicas - o ensino geográfico por instalações”, escrito por Emerson Ribeiro, sendo consolidado em 2014, pelo mesmo autor, em sua tese de doutoramento, nominada “Processos criativos em geografia: metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas”.

A instalação geográfica é uma forma de representação de um conteúdo da geografia pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos aplicados sobre materiais produzidos ou não pelo homem (RIBEIRO, 2014).

Nesse contexto, o uso da instalação geográfica exigirá que o professor lance mão de uma didática multissensorial para constituir e fomentar os conceitos que serão trabalhados em suas aulas.

Acreditamos, assim, que as instalações geográficas, como metodologia, podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem, pois a mesma se ergue a partir de uma tríade: reflexão, ação e materialização.

Essa materialização se concretiza a partir de uma instalação que contempla a análise reflexiva teórica, a experimentação prática e a produção de um trabalho artístico que expresse todos os pensamentos obtidos sobre um dado espaço ou conteúdo geográfico.

Assim sendo, o uso da instalação pode auxiliar o professor a desenvolver no aluno habilidades críticas que conduzam a construção de conceitos e valores, tendo como premissa a pesquisa real e objetiva.

Nesse processo de construção de conceitos, a avaliação construtiva assume papel fundamental, retratando o processo de conhecimento que o aluno irá percorrer até o produto



final. Esse produto é realimentado pelo processo criativo em um ciclo dialético de importância ímpar, pois leva o estudante a desenvolver experiências para entender o cotidiano.

Dessa forma, acreditamos que a instalação geográfica ganha relevância quando promove a construção de conceitos, possibilitando que os sujeitos sejam capazes de se situar em um mundo em permanente mudança, interpretando-o de forma ativa e participativa, como, também, quando se propõe desenvolver novas metodologias para o trabalho docente.

O interesse no estudo da temática abordada está relacionado à experiência adquirida durante a vida acadêmica e profissional deste pesquisador na área de ensino de Geografia. Contudo, no ano de 2017, quando aluno no Programa de Mestrado Profissional na Universidade Regional do Cariri (URCA), desenvolvi a pesquisa sobre a instalação geográfica enquanto metodologia de ensino da Geografia escolar para deficientes visuais.

Na perspectiva de darmos continuidade às reflexões sobre a instalação geográfica, defendemos aqui a seguinte tese: a contribuição dos signos e símbolos na construção de conceitos por meio das instalações geográficas.

Assim, temos como objetivo geral de estudo: Compreender o papel dos signos e símbolos na construção de conceitos por meio das instalações geográficas. Os objetivos específicos são: Entender o papel dos signos e símbolos na associação do conhecimento com o uso das instalações geográficas; Analisar a construção de conceitos geográficos por meio de signos e símbolos; Investigar a instalação geográfica como metodologia de produção simbólica para o conhecimento da Geografia.

METODOLOGIA

A pesquisa sobre as instalações geográficas e sua contribuição na construção de conceitos será desenvolvida a partir de um estudo bibliográfico, tendo como método o movimento dialético à luz dos conceitos de signos e símbolos na perspectiva dos estudos da Semiótica, Linguística, com Barthes (2012), Fiorin (2003), Peirce (2003), Saussure (2006); Psicologia com Jacobi (2017) e Jung (1977); Filosofia com, Grespan (2019), Hegel (1976), Lefebvre (1983) e Nietzsche (1962); Antropologia com Boas (2014) e Eliade (1966); investindo as discussões teóricas na construção de conceitos da Geografia, com Cavalcante (1998; 2005; 2008; 2011; 2012 e 2014), Vygotski (2007; 2008; 2009); e instalação



geográfica, com Alencar (2020), Alexandre (2019), Junqueira (1996), Ribeiro (2014), Silva (2019) e Silva (2020).

REFERENCIAL TEÓRICO

Nos dias de hoje, é comum percebemos a existência dos mais diversos tipos de linguagens artísticas. Dentre essas, temos as consideradas clássicas e as chamadas tecnológicas convivendo lado a lado através das pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, cinema, vídeo e instalação.

Para Fonseca:

[...] a instalação é uma forma de expressão artística contemporânea que mistura pintura, escultura e objetos industrializados em ambientes preparados para estimular as percepções sensoriais, que podem ser apropriados no meio, tanto da natureza quanto de objetos industrializados, ressignificados e da mídia (FONSECA, 2007, p. 35).

A instalação artística, ao fazer uso dos sentidos para explorar a percepção e a ação imaginativa do observador, possibilita tanto uma maior interação ou aproximação com o que o artista quer expressar quanto a quebra dos parâmetros de beleza, harmonia, perfeição, acabamento e naturalismo. A instalação artística, portanto, torna-se em si uma dinâmica norteadora de caráter interdisciplinar.

Nesse âmbito, colocamos, também, a instalação geográfica como metodologia de ensino. A instalação geográfica ergue-se a partir da tríade: reflexão, ação e materialização. Representada por símbolos e signos, podendo potencializar a construção de conceito (RIBEIRO, 2014).

Dessa forma, compreendemos a instalação geográfica como uma forma de representação de um conteúdo pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos.

As instalações geográficas representam um conteúdo estudado. Em seu processo de construção, professor e aluno devem se apropriar do conhecimento exposto nas aulas para criar formas representativas que se reencarnem em signos e símbolos.

Para Peirce “o fato de que toda ideia é um signo junto ao fato de que a vida é uma série de ideias prova que o homem é um signo”. (PEIRCE, *apud*, NOTH, 1998, p. 61). A visão pansemiótica do universo é sua característica mais expressiva dos seus escritos:



o homem denota qualquer objeto de sua atenção num momento dado. Conota o que conhece ou sente sobre o objeto e é também a encarnação desta forma ou espécie inteligível; o seu interpretante é a memória futura dessa cognição, o seu “eu” futuro ou uma outra pessoa à qual se dirige, ou uma frase que escreve, ou um filho que tem. (PIRCE, *apud*, NOTH, 1998, p. 61).

Pierce discute os signos por meio de tricotomias, três partes ou elementos para melhor entendimento, o signo é uma relação triádica ou uma tríade de referência, estruturando-se em: firstness (primeiridade), secondness (secundidade) e thirdness (terceiridade).

Firstness ou primeiridade refere-se às sensações, aquilo que pode ser captado pelos sentidos, análise prévia de contato ou de aproximação com o objeto, “é a categoria do sentimento sem reflexão, da mera possibilidade, da liberdade, do imediato, da qualidade ainda não distinguida e da independência”. (NOTH, 1998, p. 63). Esta análise prévia ou de contato com o objeto é sempre mediada por outros signos, a priori esta relação não fornece referências completas do objeto, levando-nos a equívocos e falhas na interpretação do signo.

Secondness (secundidade) é o estágio da percepção, da conexão, que interliga o signo captado inicialmente pela primeiridade as relações de espaço e tempo, agregando novos adjetivos, noções e conteúdos. A secundidade “é o momento em que aquilo que é aparição sem referencial no primeiro momento torna-se relativamente reconhecível a partir da aproximação”. (BELLO, ZORDAN, MARQUES, 2015, p. 6).

Thirdness (terceiridade) é o momento da concepção, da representação, onde o signo é concebido triadicamente unindo-se a uma terceira etapa em que se destaca a semiótica, a comunicação, a memória, a convenção, o hábito e combinação (PIRCE, 2003).

Assim, como a primeiridade é o estágio inicial, a pesquisa do conteúdo, dos conceitos a serem desenvolvidos, ainda não há uma compreensão do todo, aqui as partes se alinham para direcionar o movimento da secundidade.

A secundidade, poderemos relacionar com o movimento da construção das instalações, o estágio da percepção onde na TEIA de ideias gesta-se os primeiros signos, as primeiras noções do conteúdo proposto. São as simbologias que irão se materializar a partir da primeira aproximação, do reconhecimento do conteúdo.

Na terceridade teremos por associação a complexidade do entendimento, onde o representado por analogias dos significados, aparecem como representação do representante, aqui se fecha o movimento para a compreensão, mas ele não se limita a esse movimento, ainda pode ser escolhido e desenvolvidos outros signos de representação, por que? Porque



envolve a história das relações sociais o qual o aluno é submetido ao longo de sua vida diante do processo de aprendizagem.

A composição do signo é uma entidade de duas faces, semelhante a uma folha de papel, o verso existe em função da presença do averso. Por isso Saussure (2006) propõe a substituição da mera função associativa que o signo tem, mediando o conceito e a imagem acústica, tornando-se a totalidade deste processo, dividindo-se em dois componentes: significado e significante. “Não existe significante sem significado; nem significado sem significante, pois o significante sempre evoca um significado, enquanto o significado não existe fora dos sons que o veiculam”. (FIORIN, 2003, p. 72).

No que diz respeito ao símbolo, para Jung de forma cotidiana é um termo, um nome e imagem, algo para nós familiar, embora “possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós” (JUNG, 1977, p. 20).

Para se comunicar, os seres humanos utilizam da língua e da escrita para refletir e expressar um dado pensamento, mesmo que a linguagem possua uma gama significativa de símbolos, a sociedade também, utiliza imagens e sinais não tão descritivos como Jung exemplifica: ONU, UNESCO, UNICEF, remédios patenteados, marcas publicitárias conhecidas, entre outros. Os exemplos dados não são de fatos símbolos e sim sinais, no entanto, faz uma ligação aos objetos em que são atribuídos.

O símbolo possui um aspecto mais amplo, inconsciente, que está além da manifestação da palavra, da imagem, agregando uma aparência não definida ou por completo explicável. No momento em que o símbolo é explorado pela mente, arquiteta ideias que se encontram fora de nossa razão.

A imagem de uma roda pode levar nossos pensamentos ao conceito de um sol "divino" mas, neste ponto, nossa razão vai confessar a sua incompetência: o homem é incapaz de descrever um ser "divino". Quando, com toda a nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de "divina", estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta. (JUNG, 1977, p. 21).

O simbólico como termo, é usualmente utilizado para representar conceitos de forma integral, do qual, não conseguimos compreender em toda sua completude, ficando longe do alcance da compreensão humana, inúmeras coisas de propensos contextos simbólicos. Exemplo disso, são as alienações proporcionadas pelas religiões, imprimindo com imagens uma dada representação simbólica.



O sonho é uma forma espontânea e inconsciente de produzir símbolos pelo homem. Por outro lado, os sentidos humanos acabam diminuindo a percepção do mundo ao seu entorno, não conseguindo fazer reflexões e entendimento por completo de uma dada coisa ou objeto. Faz-se necessário para a compensação da perda ocasionada pelos sentidos o uso de instrumentos científicos: sensoriamento remoto, amplificadores de sons, mas um dado momento esgotará todas as possibilidades de convicções e evidências que de forma consciente o conhecimento não consegue ultrapassar.

Jung ainda argumenta, que existe aspectos inconscientes que por meio dos nossos sentidos não são captados da realidade, pois tudo o que é apreendido pelos sentidos são transmitidos para nossa mente. “Dentro da mente estes fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza extrema nos é desconhecida (pois a psique não pode conhecer sua própria substância)”. (JUNG, 1977, p. 23). Com esta análise, toda realidade possui fatores que em certo ponto ignoramos, pelo fato de desconhecermos o extremo da matéria em si.

Abaixo do limiar da consciência, se mantém lembranças de acontecimentos que não temos consciência, isto acontece, com fenômenos que ocorrem em nosso cotidiano em manifestações não explícitas e sendo absorvido de maneira não consciente.

Só podemos percebê-los algum momento de intuição ou por um processo de intensa reflexão que nos leve à subsequente realização de que devem ter acontecido. E apesar de termos ignorado originalmente a sua importância emocional e vital, mais tarde brotam do inconsciente como uma espécie de segundo pensamento. (JUNG, 1977, p. 23).

Por meio do plano das ideias ou do real, o símbolo possui uma dupla interpretação suscetível para seu contexto narrativo. Segundo Ribeiro, o símbolo:

passou gradualmente a se referir a tudo aquilo que, seja por acordo geral ou analogia, representava convencionalmente alguma coisa ou alguém. Um símbolo é uma representação, mas não uma reprodução. Enquanto uma reprodução implica igualdade, um símbolo é capaz de evocar a concepção do objeto que ele representa. (RIBEIRO, 2010, p. 47).

Nas relações de convenções, o símbolo é um elemento importante para identificar e descrever a realização ou esclarecer alguma coisa do nosso cotidiano entende-se como uma demonstração exterior de ação e representação. “Uma palavra ou imagem é considerada simbólica no momento em que implica algo além de seu significado manifesto e imediato, algo que não pode ser precisamente definido ou explicado”. (RIBEIRO, 2010, p. 48).



O símbolo tem como princípio de forma ausente abstrata, substituir, evocar e representar uma forma ou natureza de um dado objeto, tendo valor identitário, mágico e místico. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001 *apud* Ribeiro 2010, p. 47):

a história do símbolo comprova que qualquer coisa pode adquirir valores simbólicos, seja ela natural (pedras, animais, flores, fogo, rios, raio etc) ou abstrata (número, ideia, forma geométrica etc). Assim, através dos símbolos, objetos comuns adquirem ilimitáveis novos significados.

Nesse sentido, no momento da Teia de ideias, um dos compósitos da metodologia de instalação geográfica, o aluno de posse da pesquisa por meio da produção textual, elenca junto com o professor um conjunto de elementos ou objetos para materializar os assuntos que foram tratados em sala de aula, demonstrando de forma criativa e subjetiva aquilo que aprendeu nas aulas de Geografia ministradas. Esses elementos e objetos tornam-se signos e símbolos, agregando valores simbólicos.

A seguir, fotos dos principais momentos da sequência didática da metodologia de instalação geográfica, elaborada pelos alunos do curso de Agropecuária do Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Tauá, em novembro de 2018.

A figura 1, ilustra o momento da montagem das instalações geográficas por meio de signos e símbolos (elementos ou objetos que foram escolhidos por alunos e o professor no momento da Teia de ideias). Esta escolha ocorre após a leitura da pesquisa consolidada por uma produção textual, onde professor e seus alunos divididos em grupos elegem palavras geradoras que irão representar o conteúdo estudado.

Tendo em vista que os temas das instalações são relacionados aos domínios morfoclimáticos, os elementos escolhidos fazem uma representação de alguma temática discutida na produção textual e materializada por meio de signos e símbolos, correspondente as figuras 2 e 3. Por fim, a figura 4 ilustra a exposição realizada no jardim do campus, do qual foi tracejado por meio de técnicas de jardinagem o mapa do Brasil e as instalações montadas sobre cochos foram posicionadas de acordo com a localização geográfica.



Figura 1 – Alunos fazendo as montagens



Fonte: Araújo (2018).

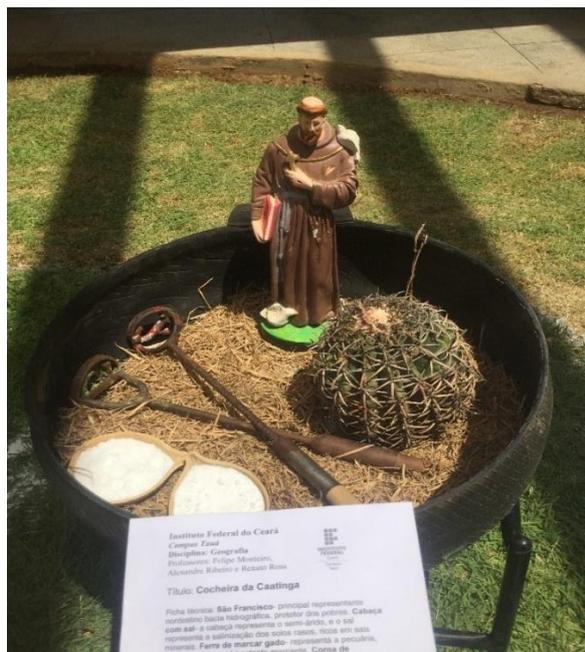
Figura 2 – Instalação geográfica sobre o Domínio dos Cerrados



Fonte: Araújo (2018).

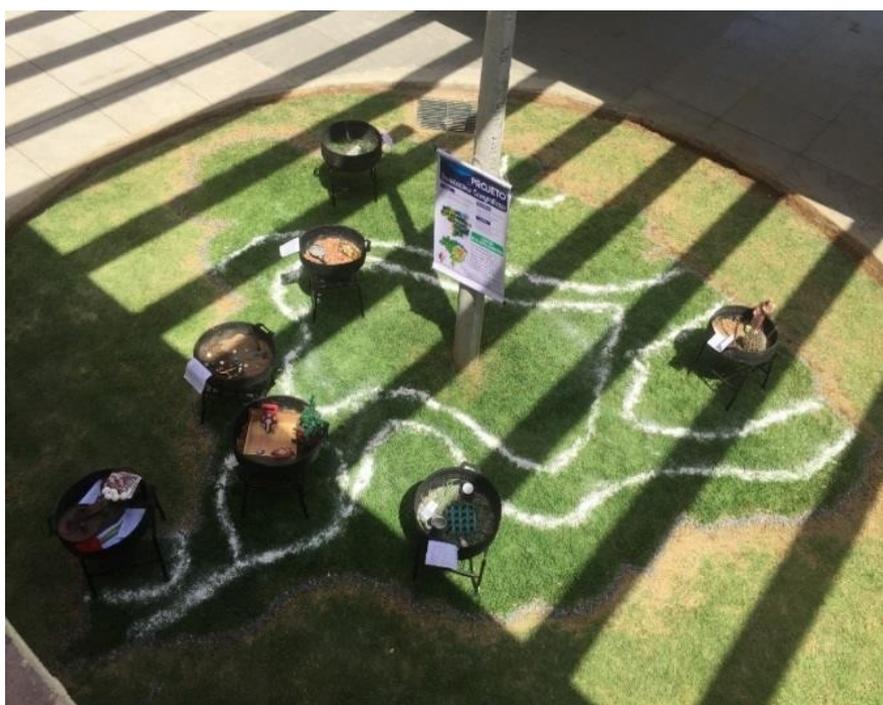


Figura 3 – Instalação geográfica sobre o Domínio da Caatinga



Fonte: Araújo (2018).

Figura 4 – Exposição das instalações geográficas intitulada “Grandes paisagens naturais do Brasil: conhecendo a sua diversidade para melhor preservar”



Fonte: Araújo (2018).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa se encontra na fase inicial de andamento, realizando o levantamento bibliográfico necessário para a construção dos capítulos da Tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instalações geográficas, como metodologia de ensino e avaliação, vêm se demonstrando como uma oportunidade de renovação para o ensino de Geografia, pelo fato da sua aplicação levar em conta os conhecimentos de um dado espaço ou tema da Geografia, de forma ímpar e singular, por meio de signos e símbolos.

Alunos e professores no momento da Teia de ideias, de pose da pesquisa e da produção textual realizadas, elegem elementos e objetos para materializar o que foram compreendidos durante as aulas de Geografia, consolidando de forma construtiva os conhecimentos geográficos, dos quais ganham novos significados.

Entender a dinâmica do momento da Teia de ideias será o ápice da nossa Tese, compreender o movimento iniciado pelos conteúdos e finalizados por meio de signos e símbolos em instalações geográficas na construção de conceitos, será o desafio da nossa pesquisa em questão. Buscaremos as contribuições de grandes autores da Antropologia, Filosofia, Linguística, Psicologia e Semiótica para serem degraus para atingirmos tais objetivos.

REFERÊNCIAS

BELLO, S. E. L.; ZORDAN, P.; MARQUES, D. Signos e interpretação: *entre aprendizagens e criações*. *Revista Cadernos de Educação*, n° 52, 2015, p. 1-19.

FIORIN, J. L. Introdução à linguística. Editora Contexto, 2003.

FONSECA, M. P. **A arte contemporânea: instalações artísticas e suas contribuições para um processo educativo em arte**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

NOTH, W. **Panorama da semiótica de Platão e Pierce**. Ed. São Paulo: Annablume, 1998.



PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003. 340p

RIBEIRO, E. S. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos Semióticos**. v. 6, n. 1, São Paulo: 2010, p. 46-53.

RIBEIRO, Emerson. **Processos Criativos em Geografia: Metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas**. Tese apresentada ao Departamento de Geografia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de; Curso de linguística geral. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Alexandre Ribeiro da. **Instalações geográficas: uma contribuição ao ensino e a aprendizagem da geografia para alunos com deficiência visual**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri. Crato, 2019.

WALTHER-BENSE, E. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 2000.